

O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Autor: Diene Araújo de Sousa; Co-autor: Nina Araujo de Carvalho; Krícia de Sousa Silva

Universidade Federal do Piauí – dieneasrn@gmail.com; ninaxx95@gmail.com; kriciasousa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute a importância do uso de variados recursos didáticos nas aulas de geografia. Tem como objetivos perceber como esses recursos lúdicos podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem em geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como elencar de que forma esses recursos podem ser utilizados pelos docentes para dinamizar seus encontros com as turmas e entender de que forma tais materiais influenciam na dinâmica educativa em sala de aula. Do ponto de vista metodológico, optamos em desenvolver uma pesquisa qualitativa com ênfase no estudo de caso que foi posta em ação numa escola privada da cidade de Parnaíba - PI, utilizando de entrevista estruturada e posteriormente pesquisa bibliográfica para analisar os dados produzidos em campo com a literatura de Brandão (2014), Mello (2014), Sant' Anna (2004), Alencar (2018), Silva (2018), entre outros. Concluímos que é preciso fazer uma análise extensa sobre a utilização (ou não) dos recursos didáticos nas aulas de Geografia, com os profissionais de educação, e refletir qual finalidade desses recursos em suas aulas priorizando os educandos e seus saberes.

PALAVRAS-CHAVES: Recursos didáticos, Ensino, Geografia.

1 INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que o lápis e o papel eram, somente, os materiais disponíveis aos professores para utilizar no processo de ensino-aprendizagem. Com o passar dos anos, a educação ganhou forças e recebeu inovações a serem utilizadas pelos docentes com o objetivo de despertar no aluno o conhecimento de uma forma mais participativa. Esses dispositivos levam o aluno a compreender o que está sendo estudado através do seu manuseio, permitindo uma melhor apropriação do conteúdo. Nesse estudo eles serão denominados como recursos didáticos, visto que facilitam o ensino e a aprendizagem por serem dinâmicos e retirarem a monotonia das aulas, podendo enriquecer os momentos de aprendizagem.

Na busca de perceber quais são os materiais que estão sendo utilizados pelos professores para inovar o ensino de Geografia em Parnaíba-PI, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre dispositivos pedagógicos que podem ser utilizados na sala de aula de forma a tornar a aprendizagem infantil mais lúdica e atraente para os alunos.

Assim sendo, especificamente, almejamos observar como acontecem as aulas de Geografia em uma escola privada que está situada na cidade de Parnaíba-Pi; Analisar que recursos didáticos são utilizados pelos docentes para dinamizar essas aulas e perceber as contribuições que tais materiais podem beneficiar para tornar o processo de aprendizagem mais significativo.

Na tentativa de atingir tais metas investigativas optamos por desenvolver uma perspectiva qualitativa de pesquisa, pois nesse método o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995, p. 21).

Escolhemos uma escola da rede privada de ensino pela facilidade de acesso ao espaço e disponibilidade de tempo, e tendo em vista o local de pesquisa o ambiente de atuação profissional das pesquisadoras.

O interesse em investigar tal temática surgiu a partir das observações das aulas de geografia no 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, em que as professoras usaram de diferentes metodologias para o desenvolvimento de suas aulas e com base na comparação didática de duas professoras, pois enquanto uma utilizou músicas e os alunos apresentavam-se com cartazes produzidos por eles mesmos sobre o conteúdo estudado; a outra optou por transmitir o conteúdo através de uma aula expositiva dialógica, percebe-se que há várias alternativas para potencializar aprendizagem nesse campo do conhecimento.

Dessa forma surgiram os questionamentos: quais as metodologias mais adequadas para o ensino de geografia? Usar ou não usar da ludicidade para ensinar tal disciplina? A aula expositiva contribui de fato para o processo de aprendizagem? Quais os recursos didáticos que podemos utilizar no ensino de geografia? A partir dessas inquietações surgiu o interesse em pesquisar tal temática a fim de construir um embasamento necessário para a formação acadêmica e profissional.

Ao exercer sua função, o professor está sempre se deparando com situações em que precisa repensar sua prática pedagógica. Sabemos que é uma árdua tarefa estimular e preservar o interesse do aluno ao conteúdo necessário ao seu desenvolvimento cognitivo; por isso é indispensável que o professor planeje aulas que desperte o interesse e a participação dos alunos. Entram em cena os dispositivos pedagógicos que facilitarão o aprendizado. Porém, é preciso certa cautela por parte do professor para não cometer engano, pensando que ao utilizar um recurso estará fatalmente fazendo o melhor (SANT' ANNA, ILZA; SANT' ANNA, VICTOR. 2004. p. 11). Entre os estudos que tratam da temática podemos citar os de Brandão (2014), Mello (2014), Araújo (1991) entre outros autores que contribuíram teoricamente sobre o tema em estudo.

2 RECURSOS DIDÁTICOS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Quando o docente faz o planejamento de sua aula e o coloca em ação, ele certamente espera que seu aluno consiga compreender e internalizar o conhecimento ministrado, porém sabemos que é aos poucos que o ser humano aumenta sua capacidade de entendimento, principalmente através do desenvolvimento dos cinco sentidos. Dessa forma, nos dias atuais, torna-se incabível almejar que o discente concretize sua aprendizagem sem o uso de meios ou materiais de ensino que o auxiliem nesse processo, sobretudo quando essas aulas são direcionadas as crianças, fase de maior desenvolvimento.

Os recursos didáticos ou de ensino se estabelecem como dispositivos que exercem um papel fundamental na aprendizagem significativa da criança, pois são incentivadores e incitadores adicionais da mesma. Segundo Araújo (1991, p. 13):

[...] em um nível especificamente pedagógico, é preciso lidar com outros conceitos-chaves que também compõem o universo da nossa preocupação com a dimensão técnica do ensino: técnica, método, metodologia, processo, procedimento, estratégia, tática, recurso, instrumento, atividade.

Dessa forma, percebemos que é fundamentalmente importante que o professor saiba ao certo a filosofia da escola e tenha em mente que “tipo” de cidadão se pretende formar para que suas práticas pedagógicas vá de encontro a isso.

Segundo Araújo (1991) essas denominações são conceitos que devem ser trabalhados de acordo com as concepções de educação e deve haver uma atenção com a comunidade atendida e com os indivíduos que participam desse meio.

Esses instrumentos facilitam a mediação da aula, para o educando e para o aprendente, possibilitando o processo de associação, desenvolvimento mental e intelecto e criatividade fazendo-os adequar-se ao meio e à sua própria realidade.

O educador tem em suas mãos o poder de fazer dos recursos didáticos ferramentas para o ensino dos conteúdos de forma crítica e autônoma respeitando os valores e postura pedagógica que tal profissão exige em seu campo de atuação, tornando-os pontes para desvendar a realidade em seus planos mais enraizados. Portanto, devem ser bem selecionados e devidamente aplicados.

Segundo Fiscarelli (2008, p. 82):

Por recursos didáticos, entende-se o conjunto de materiais que, ao serem utilizados para fins pedagógicos, buscam uma melhor mediação no processo de ensino-aprendizagem, podendo ser todo tipo de objeto material (giz, livro didático, maquete, globo terrestre, entre outros) ou imaterial (tonalidade da voz e expressões corporais); e também aqueles direcionados aos formatos eletrônicos, tais como microcomputadores, datashow e Global Position System (GPS) (FISCARELLI, 2008 apud BRANDÃO; MELLO, p. 82).

A partir desse ponto de vista, os recursos didáticos pensados como um dos elementos a serem apontados como essenciais na prática pedagógica, torna-os diversificados e essenciais no intermédio de todo e qualquer conteúdo, incentivando o aluno a ser sujeito na construção do saber através de dispositivos acessíveis e claros na aprendizagem, fazendo com que o professor respeite o limiar de sua atenção, provocando estímulos variados.

Sabe-se que a introdução da disciplina de geografia no Brasil percorreu várias constatações, até integrar o currículo oficial do Ensino Fundamental e durante muito tempo seu ensino foi tido como matéria decorativa, sempre em um sistema “decoreba” onde o professor detentor do saber e do conhecimento depositava o assunto e o aluno simplesmente absorvia (ou não) de forma a decorar sistematicamente.

Atualmente com tantos estudos e pesquisas a fim de encontrar o caminho para uma educação de qualidade, passamos por muitas mudanças referente à concepção de educação. Sendo assim,

Os conteúdos trabalhados pelo professor de Geografia em sala de aula devem ir além dos conceitos e temas comumente destinados a essa disciplina no currículo escolar. Antes de mais nada, a escola deve trabalhar no intento de desenvolver o potencial do aluno em suas diversas capacidades, não apenas a cognitiva, mas também a afetiva e a social, tendo a Geografia um papel importante neste processo, pois tem como finalidade fazer o aluno aprender para crescer, viver e conviver em sociedade, isto é, para a vida (ALENCAR; SILVA. 2018. p. 2.)

Podemos afirmar, a partir das palavras acima que a Geografia está longe de ser uma disciplina somente reprodutora. Sabemos que dentro do contexto escolar onde as diversas linguagens do ensino se expõem das mais diferentes configurações, é de suma importância que o educando aprenda de forma autônoma e significativamente para que ele seja capaz de questionar com criticidade as reflexões e contextos que a geografia trás.

Para tanto compete ao professor o papel de manusear as ferramentas que dispõem como ponte complementar ao plano de aula favorecendo a aprendizagem do ensino da Geografia, com o objetivo de estimular no aluno uma visão crítica da realidade. Para enfatizar a função desses recursos, Sant'Anna (2004, p. 47) expõe que serve:

Para simplificar, para enriquecer, para favorecer a compreensão do conhecimento que está sendo vivenciada, para melhor ação e intervenção na realidade. Serve ainda para a consecução de uma aprendizagem proveniente da ação interativa com o ambiente, além de apropriação de conteúdos e produção dos novos, consequentemente enriquecimento dos esquemas psicológicos na organização mental.

Atualmente, os recursos didáticos utilizados pelos professores para ministrar uma aula de geografia fora do tradicional, estão cada vez mais diversificados e de fácil acesso. Podemos encontrar um acervo de dispositivos voltados para a geografia, onde o educador deve saber dominá-los para que auxiliem no processo de aprendizagem da criança.

Sant'Anna (2004) aponta alguns recursos que os professores podem utilizar em sua prática docente: os diferentes tipos de linguagem como os gêneros textuais, jornais, audiovisuais, linguagem cartográfica; existem ainda os recursos naturais que são elementos de existência real na natureza como pedras, água, areia; os recursos pedagógicos como cartaz, flanelógrafo, maquete, slide, álbum seriado; os recursos tecnológicos também compõem esse acervo como televisão, computador, tablets, internet e seus dispositivos; e ainda há os recursos culturais que são os museus, biblioteca pública, exposições.

Alencar e Silva (2018) trazem um excelente estudo sobre os recursos didáticos não convencionais que nada mais são do que produções sociais que não foram produzidos

especificadamente para o uso em sala de aula, mas que são ótimos meios para instigar nos alunos o interesse e a participação nas aulas.

A finalidade de todos esses meios é viabilizar uma maneira mais didática de aprender Geografia, considerando o conteúdo a ser explicado, as metas a serem alcançadas e o público alvo.

3 METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa optamos por desenvolver um estudo qualitativo, pois esse tipo de pesquisa realiza-se no ambiente natural em que ocorre o fenômeno. Dentro dessa proposta, “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p.32).

Nesse sentido, elegemos o Estudo de caso como estratégia a fim de estudar os fenômenos observados. Godoy (1995) afirma que:

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso (p. 26).

Em suma, o Estudo de caso trata-se da ênfase em uma unidade, ou seja, organizaremos a investigação em uma unidade de ensino ou em uma sala de aula. Portanto, desenvolveremos a pesquisa a partir da observação de uma aula da disciplina de Geografia no 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.

A coleta de dados na pesquisa deu-se, também, através da aplicação de uma entrevista, estruturada em 6 questões para duas docentes, do 2º e 3º ano, que desenvolvem suas atividades profissionais na escola em questão.

Sabemos que a entrevista é um método facilitador para que o pesquisador alcance êxito na coleta de dados para enriquecer seu trabalho, nesse caso:

A entrevista, nas suas diversas aplicações, é uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em seus mais diversos usos das Ciências Humanas, constitui-se sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. [...] (MEDINA, 2010, p.8)

Portanto, a entrevista nos permite um “olhar” mais aguçado possibilitando a quebra de uma ideia fixa e permeia nas diferentes visões dos diferentes atores participantes no processo da pesquisa e estudo.

O estudo também caracteriza-se como estudo bibliográfico. Segundo Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto [...] (2002, p. 32 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p.37).

Além de consistir na etapa inicial de todo trabalho científico ou acadêmico, com o propósito de agrupar as informações e dados que assentarão como suporte para o levantamento da investigação proposta a partir do tema enunciado no presente artigo; através desse tipo de pesquisa podemos formar um olhar mais abrangente dentro da problemática que o assunto apresenta, pois a construção de conceitos e explicitação do assunto transforma o olhar para uma visão mais crítica e reflexiva.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Apresentamos, nesse capítulo, as vivências in locus, resultados das entrevistas com duas professoras e análises que pudemos fazer a partir das observações em campo.

Com base nas teorias que aprendemos durante toda formação acadêmica e no trabalho proposto na disciplina de Didática da Geografia, surgiu a necessidade de ir a campo pesquisar sobre o ensino de Geografia no Ensino Fundamental dos anos iniciais em uma escola privada no município de Parnaíba-PI. Como consequência surgiu vários questionamentos e dúvidas, o quê levou a importância desse trabalho.

A observação aconteceu inicialmente na turma do 2º ano do Ensino Fundamental, que teve como tema as Regiões Brasileiras. Posteriormente, na turma do 3º ano, da mesma escola, sobre População Urbana e Rural.

A professora da turma do 2º ano é graduada pelo curso Normal Superior e só na escola em questão já leciona a mais de 17 anos. A professora da turma do 3º ano é graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia e começou o magistério em 2009 e possui experiência também em escolas públicas municipais e estaduais.

Após a construção da rotina no quadro a professora, do 2º ano, fez uma breve explanação do conteúdo regiões brasileiras e os estados que os compõem, escrevendo no

quadro juntamente com os alunos os estados de cada região, porém o foco estava na região norte, pois a escola estava trabalhando com projeto “Cultura do Norte”.

Em seguida a professora dividiu a turma em grupos e entregou cartazes para cada grupo e pediu que escrevessem os estados de cada região e cada grupo ficou responsável por uma região. As crianças fizeram a atividade proposta com bastante empolgação e depois de alguns minutos houve a apresentação dos cartazes. Para finalizar a aula a professora reproduziu uma música infantil que falava sobre as regiões do Brasil e após ouviu algumas vezes os alunos já conseguiam cantar.

Comparativamente no 3º ano do Ensino Fundamental, pudemos observar que foi uma aula expositiva dialogada sobre População Urbana e Rural e o recurso didático utilizado pela professora foi uma “folhinha” contendo explicações do conteúdo e em seguida a atividade a ser feita em casa, estilo um livro didático. Essa “folhinha” continha gráficos, imagens e textos a ser interpretados pelos alunos. Ao passo que a professora fazia a leitura da folha fazia explicações necessárias.

Ao entrevistar as professoras sobre o que elas entendem por recurso didático, as duas foram claras e demonstraram ter domínio do assunto. Porém, enquanto uma considera apenas os materiais concretos, a outra abrange as viagens e experimentos que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem. Elas afirmam também que utilizam os recursos didáticos em suas aulas e selecionam os materiais de acordo com o conteúdo e o planejamento no intuito de motivar as crianças para a construção do conhecimento.

Sant’Anna (2004, p. 11) afirma que o professor precisa fazer de suas aulas um espaço estimulante, em que todos os alunos sintam desejo de aprender. Para alcance deste objetivo, precisará estimular todos os sentidos do educando, de forma a propiciar um envolvimento completo (total).

Entendemos que mesmo havendo duas metodologias de ensino distintas, ao utilizar recursos didáticos diversificados nas aulas, as professoras conseguem um denominador comum que é o aprendizado do aluno, fazendo-o sujeito do processo.

Ao perguntar se encontravam dificuldades em selecionar os recursos didáticos especificamente para o ensino de geografia, elas afirmaram que não, e justificaram que a escola disponibiliza meios variados, como por exemplo, aulas de campo, data show, planisférios, globos, entre outros.

É indispensável que as escolas deem esse suporte para os docentes, pois como, todo e qualquer profissional precisa de seus instrumentos para executar suas atividades em sua área de atuação, da mesma forma o professor precisa dos seus materiais de trabalho.

Vivemos em um país onde a criança tem fácil acesso aos diversos tipos de informações. A escola tem o papel de assegurar a permanência da aprendente, utilizando esses elementos do seu exterior, porém se a mesma não tiver subsídios fica inviável cumprir esse dever. Por esse motivo faz-se necessário garantir ao professor materiais e dispositivos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente as crianças veem televisão, usam computadores, jogos eletrônicos, assistem a filmes no cinema ou em casa, observam cartazes de propaganda, lêem jornais, livros, histórias em quadrinhos, revistas, jogam bola, nadam em piscinas públicas, são enfim bombardeados por informações não selecionadas. Tudo e todos colaboram com o conhecimento, com o comportamento, com os valores que a sociedade está a exigir. Mas a escola continua na “idade da pedra”, ignorando tudo sem ver, sem ouvir, sem sentir. A escola dorme em berço esplêndido; dizem: não há verba para a educação, o professor é mal pago, o aluno tem fome, não aprende, o aluno não quer nada com nada e, assim, com mil desculpas, mil pretextos, provocam se a evasão, a repetência, a seleção, a exclusão (SANT’ANNA, 2004, p. 17).

Com base no exposto no transcorrer do texto entendemos que os recursos didáticos são de suma importância para subsidiar o trabalho docente. Sem essa clareza de significado seria dificultoso explicar as discussões com fundamentos.

5 CONCLUSÃO

Não diferente da realidade de décadas atrás onde a Geografia era tida como uma disciplina enfadonha e decorativa, alguns professores hoje em dia ainda adotam uma metodologia obsoleta onde a turma está cansada de vivenciar, o que transparece no desinteresse desta em aprender.

Desta forma, percebemos o quão necessário se faz que os recursos didáticos estejam disponíveis em suas diversas formas e perspectivas e ao alcance do educador para que este por sua vez faça seu papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Sem esquecer de que não só esses dispositivos precisam ter fácil acesso, mas cabe ao professor procurar e encontrar novos subsídios e dispositivos para que as visões acerca das aulas tradicionais e cansativas de geografia se desconstruam.

A cortina que permeia essa matéria curricular transpassa o ato de memorizar fatos por parte dos educandos, e simplesmente depositar os conteúdos programados por parte do professor. Tal cortina deve ser rasgada para que a geografia seja não só uma mera disciplina a ser cumprida, mas que seja o meio para capacitar a criança a conhecer o mundo e ser sujeito ativo nele, compreender os espaços construídos e modificados pelo homem além de ajuda-lo a formar sua cidadania.

Por fim, percebemos que o uso desses dispositivos sejam eles pedagógicos, naturais, audiovisuais ou tecnológicos, percorridos ao longo do artigo são imprescindíveis materiais para o desenvolvimento da aprendizagem de Geografia, pois com tais instrumentos, muitas vezes inovadores, farão despertar na criança o resgate do desejo de aprender tudo que a ciência geográfica pode proporcionar.

REFERENCIAS

ALENCAR, J. J.; SILVA, J. S. Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de geografia escolar. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1 - 14, abr. 2018. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/645>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

ARAÚJO, J. C. S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 1991. p. 11-34.

BRANDÃO, I. D. N; MELLO, M. C. O. **Recursos didáticos no ensino de geografia: tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas.** Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/publicador/content/131/attachment/Recursos%20didatico%20Geografia%20Marcia%20Mello.pdf>>. Acesso em: 07. jun. 2018.

GERHARDT, T.E. SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 07. jun. 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

MEDINA, C. A. **Entrevista o diálogo possível.** São Paulo: Ed.Ática, 2002.

SANT'ANNA, I.M. SANT'ANNA, V.M. **Recursos educacionais para o ensino: quando e por quê?** Petrópolis: Vozes, 2004.

DA SILVA, Vlândia; MUNIZ, Aleksandra Maria Vieira. A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jul. 2012. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/117>>. Acesso em: 08 jun. 2018